

AS TUAS DORES

As tuas dores
mais as minhas dores
vão estrangular a opressão

Os teus olhos
mais os meus olhos
vão falando da revolta

A tua cicatriz
mais a minha cicatriz
vão lembrando o chicote

As minha mãos
mais as tuas mãos
vão pegando em armas

A minha força
mais a tua força
vão vencer o imperialismo

O meu sangue
mais o teu sangue
vão regar a Vitória.

SE ME PERGUNTARES

Se me perguntares
Quem sou eu
Cavada de bexiga de maldade
Com um sorriso sinistro
Nada te direi
Nada te direi
Mostrarte-ei as cicatrizes de séculos
Que sulcam as minhas costas negras
Olhar-te-ei com olhos de ódio
Vermelhos de sangue vertido durante séculos
Mostrar-te-ei minha palhota de capim
A cair sem reparação
Levar-te-ei às plantações
Onde sol a sol
Me encontro dobrado sobre o solo
Enquanto trabalho árduo
Mastiga meu tempo
Levar-te-ei aos campos cheios de gente
Onde gente respira miséria em toda a hora
Nada te direi
Mostrar-te-ei somente isto
E depois
Mostrar-te-ei os corpos do meu Povo
Tombados por metralhadoras traiçoeiras,
Palhotas queimadas por gente tua
Nada te direi
E saberá porque luto.

QUE FAZER, MÃE?

Que fazer, Mãe?
das almas tremendamente destruídas
na podridão ignóbil
do sofrimento

Que fazer, Mãe
das torturas terrivelmente praticadas
sobre o corpo negro
do teu filho amado?

Que fazer, Mãe
dos insultos imundos
infamemente perpetrados
no coração d'África sensível?

Que fazer, Mãe
das violações selváticas
horribilmente suportadas
pelas belas virgens, filhas tuas?

Que fazer, Mãe
de toda a baixeza humana
camuflada no civismo cínico
despejada no seu coração?
Armando Guebuza

OS TAMBORES CANTAM

Os tambores cantam
na noite escura de minha Mãe
e os sorrisos belos
excitam a Lua para aparecer.

Os tambores batem convulsos
na noite da Mãe África
e as canções nervosas
fustigam a Lua p'ra aparecer.

O shingombela vivo soa enérgico
na noite quente desta terra
e as ancas das danças
bamboleiam-se.

O chigubo guerreiro vibra
no luar pálido da noite africana
e as lanças negras brilham
como a mamba provocada.

O n'hlama bélico estala
no ventre escravo da África
o ntima sagrado
ecoa ânsia da África liberta.

O grito guerreiro estrondoso
ruge na nossa terra
e a bandeira verde e vermelha
rasga-se de medo infindo!

1965

VI-TE EM SONHOS COMO ÉS

Vi-te em sonhos como és
e senti a tua beleza
quando despida completamente
dos cinismos
a que te obrigaram estrangeiros
em nome da civilização!

Cavam-te
constroem monstros vazios,
insultam teus filhos
e tu,
ó África
sofrendo essa dor insana
de veres roerem tuas estranhas
de veres ferirem teu ser!...

E com sorrisos obtusos
com caras de amigos
dizem que te fazem favor
que te dão de comer
enquanto
ó África Mãe
de ti tudo arrancam
de ti tudo roubam.

Mas agora não, África sagrada!
Se durante séculos infindos
mataram teus filhos amados,
maltrataram teus filhos de fome

TUDO ACABA HOJE.

Hoje
a morte que tomba sobre nós
é p'ra te dar de comer.

E parar
travar para sempre
a violação do teu ventre sagrado
a hipocrisia de estrangeiro no teu solo
e trazer enfim
o regresso a ti mesma!

20 de abril de 1966

FALAVAM PORTUGUÊS

Falavam português
e ele não entendia
"preto, sacana, burro"!

Bateram nele como a um saco de areia
e gritou ate perder a voz
"preto, sacana, burro"!

Falavam português
e ele não entendia.

Pauladas, chicotadas,
estalaram na sua pele negra
chicote de fios de bomba de carro
sulcou suas costas

"sacana, burro, selvagem"!

Murros choviam tremendos
murros de coices
verdadeiros coices de touro
viraram ainda mais negra sua pele preta.

Murros, pauladas
e depois
zumbiu a Santa Piedade
palmatória grossa como um tronco,
lisa como casca de embondeiro.
Palmatória,
esse bocado inventado pelos lusos
como o inferno pintado pelos padres

Zás!

OH MÃE ÁFRICA DE NEGROS GUERREIROS
(1ª versão)

Oh Mãe África de negros guerreiros
cantando e dançando à voz do xicuembo!

Oh, Mãe África dos negros de ébano
correndo e caindo ao som do chigubo!

Oh Mãe África de rios saltando
com ossinhos brancos a falarem xindau!

Oh, Mãe África de mares azuis e verdes
Oh, Mãe África excelso ventre de guerreiros!

Negros e fortes
de lança na mão
p'ra vencer
brancos cínicos...

1965